

O Homem dos ratos¹

Esthela Solano-Suarez

Eu lhes proponho uma leitura de "O Homem dos ratos", o caso de Freud. Acredito ter construído bem os ratos e poder lhes demonstrar sua consistência.

Vou me referir ao caso publicado nas *Cinq psychanalyses*² e no *Journal d'une analyse*³, que reúne as notas tomadas por Freud depois das sessões. Depois e não durante! Freud diz efetivamente:

Sinto-me obrigado a apresentar um alerta contra a prática de anotar o que o paciente diz durante o tempo real de tratamento. A conseqüente retirada de atenção do médico prejudica mais aos pacientes do que um acréscimo de exatidão que se pode conseguir na reprodução de seu caso clínico⁴.

Essa análise durou 11 meses; não se pode dizer que ela produziu efeitos terapêuticos rápidos.

Vocês podem recorrer também às contribuições teóricas de Freud sobre a neurose obsessiva posteriores a 1986 no "Rascunho K"⁵, e no texto "Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa"⁶.

Observações sobre um caso de neurose obsessiva: o Homem dos ratos

O paciente teme que coisas terríveis ocorram com seu pai e com uma dama venerada. Está submetido a impulsos obsessivos, como o de fazer mal à dama, que lhe ocorrem quando ela está ausente; mas estar longe dela lhe faz bem. Ele se impõe interdições e se atrasa em seus estudos de

direito, pois apresenta inibições ligadas ao combate contra seus sintomas. Ele vem consultar Freud porque leu a "Psicopatologia da vida cotidiana". Pode-se dizer que houve ali o encontro com o sujeito suposto saber, encontro que o conduz à hipótese de que seus sintomas querem dizer alguma coisa.

A neurose infantil

A primeira sessão:

O paciente fala, desde a primeira vez, de sua vida sexual. Suas primeiras excitações remontam à idade de quatro ou cinco anos, ao tocar a Senhorita Robert. Ela tinha "órgãos genitais curiosos", diz ele. Essa experiência deixou nele um traço indelével: a curiosidade de olhar mulheres nuas. Mais tarde, a mesma coisa lhe ocorreu com a Senhorita Rosa. Suas lembranças remontam à idade de seis anos e são nítidas: "Eu tinha ereções", observa ele. Pode-se supor com Lacan que, até então, ele não havia subjetivado suas primeiras experiências sexuais. Essas primeiras ereções fazem furo no nível do sentido e ele vai queixar-se à sua mãe de que alguma coisa, vivida como estranha, lhe escapa. É o encontro com a realidade sexual que se revela traumático. Lacan, em sua "Conferência em Genebra sobre o sintoma"⁷, diz que o encontro com a ereção não é autoerótico, é o que existe de mais hetero, é traumático. Em uma de suas *Conferências* americanas⁸, diz, acerca de Hans, que seu pênis lhe parecia pertencer ao exterior, pois o experimentava como alheio ao seu próprio corpo.

Ernst Lehrs supunha que esse fenômeno bizarro das ereções tinha ligação com seus pensamentos e sua curiosidade sexual, ou seja, com sua fantasia de ver mulheres nuas, fantasia que sustentava seu desejo de *voyeur*, mas também seu desejo de saber. Ele temia a morte

de seu pai se pensasse no sexual e então tentava impedir esses pensamentos. Supunha que pronunciava seus pensamentos em voz alta, pois tinha a impressão de que seus pais os conheciam, impressão que se liga ao sentimento de exterioridade da linguagem que todos conhecemos.

Freud pensa que tudo isso não é o início da doença, mas de preferência a própria doença. Toda a neurose obsessiva está ali, na neurose infantil que comporta, sob a forma de sintoma, o eixo da neurose ulterior:

- A pulsão escópica no menino coloca em primeiro plano o gozo do olhar articulado à fantasia de ver mulheres nuas, fantasia que sustenta o desejo.

- Um medo vem se opor ao desejo sob a forma de uma construção lógica: "se... então": "Se desejo ver uma mulher nua, então meu pai deverá morrer".

- Do registro da inquietante estranheza, a angústia se impõe ao sujeito como afeto penoso. Emerge então como defesa a necessidade de realizar atos que se opõem à ideia obsessiva.

Freud deduz disso que se pode encontrar num menino de seis anos todos os elementos da neurose. Ele assinala que, já que a neurose começa por volta dos três anos, convém, quando se recebe alguém apresentando obsessões, buscar o núcleo infantil da neurose para se assegurar de que se trata verdadeiramente de um sintoma obsessivo.

Outra característica: jamais falta uma atividade sexual precoce. Ela não deixa de existir na histérica, mas cai no esquecimento, devido ao recalque.

O grande medo obsessivo

A segunda sessão é dedicada à elucidação do sintoma obsessivo, tal como desencadeado na idade adulta.

Ernst chega e diz a Freud que vai lhe relatar o acontecimento que o impeliu a vir procurá-lo, e que

ocorrera dois meses antes de sua vinda, no mês de agosto, quando ele devia cumprir suas obrigações militares. Dois acontecimentos, de pura contingência, se produziram: por um lado, ele perde seu *pince-nez* durante uma manobra e telegrafa ao seu óptico em Viena para que ele lhe envie um substituto e, por outro, encontra o "capitão cruel".

No momento de comunicar a Freud o relato ouvido, ele se levanta do divã, caminha de lá para cá, seu discurso torna-se confuso, exprime-me obscuramente e traz no rosto uma expressão estranha, que Freud destaca como testemunhando "o horror de um gozo por ele mesmo ignorado". Ele não pode pronunciar o termo "ânus" e é Freud que o nomeia em seu lugar. Revela ainda que quando ouviu esse relato impôs-se a ele um pensamento, que recusou como lhe sendo alheio: "isso vai ocorrer a uma pessoa que me é cara". Simultaneamente ao pensamento, emerge a sanção: para que o pensamento não se realize, ele deve fazer alguma coisa.

A partir de então, inicia um combate sem trégua contra esse pensamento, e fica submetido à sanção. Vai apoiar-se em duas fórmulas de defesa: uma palavra - *aber* ("mais" em alemão)- pronunciada ao mesmo tempo que um gesto de recusa, e palavras que se dirigem a ele próprio: "veja lá o que você imagina!". As pessoas às quais o suplício deve ser infligido são seu pai, morto há muito tempo, e a dama por quem está apaixonado. Não é ele quem inflige o suplício: este é impessoalmente infligido (*isso ocorrerá*).

Simultaneamente se apresenta o "cenário do sintoma obsessivo": o cenário da dívida impossível de pagar.

Com efeito, após a encomenda do *pince-nez*, o capitão cruel lhe remete no dia seguinte um pacote, indicando que ele reembolsar o tenente A. Isso tem sobre Ernst um efeito fulminante: ele não deve pagar o dinheiro, senão o suplício dos ratos ocorrerá. A isso se acrescenta uma ordem: você deve reembolsar o tenente A. Então, ele não pode se mover!

O relato é contraditório, confuso, vago e pouco preciso. Ernst está num estado de estupor e de confusão tal que, em certo momento, chama Freud de "Meu capitão".

Isso demonstra que um neurótico obsessivo tomado num transe obsessivo grave pode parecer confuso, sem que se possa, contudo, concluir a sua psicose.

Freud, animado por um desejo de saber, estuda o caso sem pretender compreender tudo rapidamente. O que importa, do ponto de vista do diagnóstico diferencial, são os detalhes: ele confirma que, na verdade, o capitão cruel enganou-se. É a funcionária do correio que deverá enviar o dinheiro, e não ao tenente A. Quem adiantou o dinheiro foi a funcionária do Correio, e não o tenente A. Ernst faz no entanto, a promessa de enviar o dinheiro ao tenente A: começa então a comédia de restituição impossível do dinheiro.

A falsa conexão afeto/pensamento

A seguir, três sessões sobre o pai, morto quando ele tinha 21 anos, em relação a quem ele havia se reprovado de ter sido negligente. Após sua morte, ele é invadido por um sentimento de descrença: imagina sem cessar que seu pai está vivo. Um ano e meio mais tarde, após o falecimento de uma tia, lembra-se de sua negligência, e esta se torna uma fonte inesgotável de culpa e de críticas: ele se toma por um criminoso. Isso tem como consequência uma grave inibição intelectual. Freud faz a hipótese de uma fantasia relacionada à morte do pai que se prolonga no além, mas percebe que os afetos ligados às reprovações são desproporcionais em relação ao conteúdo: suas críticas e essa culpa não combinam. Há um desacordo entre as representações e os afetos; o afeto deve corresponder a outro conteúdo. É preciso supor uma falsa conexão afeto/pensamento. Não se trata então de desculpabilizar,

mas de buscar a verdadeira razão. Em toda neurose obsessiva se produz essa falsa conexão lógica.

Freud busca então um anseio infantil: ele desejava a morte do pai. O Homem dos ratos se insurge, se defende, afirma que adora seu pai, que o ama acima de tudo. Freud lhe diz que esse amor tão intenso é decorrente do recalque da raiva, cuja fonte reside nos desejos sexuais infantis contrariados pelo pai.

Apesar de sua recusa da hipótese de Freud, Ernst reconhece que foi depois da morte do pai que ficara muito mal. Freud tenta então reconstituir a contingência do desencadeamento da neurose. Enquanto que na histérica, a causa ocasional cai no esquecimento, no obsessivo ela é conservada na memória, porém despojada de sua carga afetiva. A contingência acaba revolvendo os significantes de sua história e, de modo particular, antes de seu nascimento, os relativos à escolha do parceiro de seu pai. Este estava apaixonado pela filha de um açougueiro, a quem renunciou para casar-se com a filha de um industrial, do qual se tornara empregado, o que lhe permitiu fazer fortuna. Isso coloca para o filho a questão da causa do desejo que une um homem a uma mulher, dos antecedentes lógicos do objeto a, daquilo que presidiu a união entre seu pai e sua mãe. Após a morte do pai, sua mãe, um pouco casamenteira, pensa que ele deve casar-se com uma mulher rica enquanto ele ama uma mulher pobre, a dama à qual seu pai não queria que ele se ligasse tão estreitamente.

Se persiste em seu amor, Ernst desagradará seu pai: está então em questão para ele contrariar, ou não, a vontade paterna.

A raiva inconsciente do pai

É então que a transferência vem ajudar a decifração: na escada que conduz ao consultório de Freud, o Homem dos

ratos cruza com uma jovem; ele imagina que é a filha de Freud e que este quer que ele se case com ela. Segue-se um sonho, no qual esta jovem tem duas bolas de estrume (merda) no lugar dos olhos: trata-se então de casar com uma jovem não por causa dos seus belos olhos, mas do seu dinheiro. Temos aí dois objetos causa de desejo: o olhar e o dinheiro. A causa de desejo do pai é o dinheiro.

Quando Freud lhe dá esta interpretação, Ernst fica com raiva e, num intenso acesso de desespero, insulta Freud. Tomado por uma angústia assustadora, ele protege sua cabeça dos golpes que imagina receber de Freud. É então que esclarece um ritual do qual jamais havia falado. Na época em que fazia seus exames, ele se divertia imaginando seu pai vivo. Trabalhava até tarde da noite. Entre meia-noite e uma hora da madrugada, abria a porta da entrada e depois se comprazia diante do espelho, em ereção, sob o olhar do pai morto. Ele agradava o pai estudando até tarde, mas ao mesmo tempo se entregava a um ato de subversão fálica diante do pai.

Freud insiste com ele sobre o fato de que ele deve ter se abandonado à masturbação quanto tinha por volta de seis anos, e que deve ter sido severamente castigado pelo pai.

Ernst reencontra então a seguinte lembrança: muito pequeno, no momento da morte de sua irmã, fez uma coisa grave pela qual seu pai lhe bateu. Teve um ataque de cólera e injuriou seu pai, mas não conhecendo as injúrias, deu-lhe todos os nomes dos objetos que lhe passavam pela cabeça: "Você lâmpada! Você guardanapo!". O pai declara: "Esse garoto vai de tornar ou um grande homem ou um grande criminoso". A partir desse momento, seu caráter se modificou: ele, que era colérico, tornou-se covarde.

As injúrias obscenas dirigidas a Freud assim como o ritual levam o sujeito a admitir sua raiva inconsciente do pai: o enigma da obsessão dos ratos se esclareceu.

O neurótico obsessivo deseja a destruição do desejo do Outro

O que é essa raiva inconsciente?

No *Seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (aulas XXVI, XXVII e XVIII), Lacan expõe que um sintoma obsessivo consiste em uma fórmula verbal, que tem por objeto uma destruição que se cumpre por meio da própria articulação da fórmula verbal, isto é, pela via do significante.

No obsessivo, a destruição se realiza efetivamente pela via da anulação. O obsessivo quer anular o desejo do Outro. Seu desejo se encontra na dependência do desejo do Outro, e quer destruí-lo porque representa para ele uma vontade de gozo. Ele quer destruir qualquer desejo em torno dele, e se dedica a isso pelo viés de "um ataque surdo, de um desgaste permanente, que tende, no outro, a levar à abolição, à desvalorização, à depreciação do que é seu próprio desejo"⁹. Destruindo o desejo, ele se protege dele, mantendo-o num horizonte de impossibilidade. Essa anulação do desejo através do significante supõe uma inscrição no simbólico, pois nada que não esteja inscrito no simbólico pode ser anulado. Ela aprisiona o significante num parêntese, para dizer que aquilo que está no parêntese não existe, como na fórmula de denegação: "não é minha mãe".

É sempre dessa maneira que o obsessivo anula o desejo e anula também tudo aquilo que se conecta a ele, o que envolve esse desejo. De um golpe, ele anula a própria fala e isso vai até a anulação da demanda que toda fala comporta.

Por que ele é coagido a anular toda fala?

Isso é ligado a uma singularidade de uma relação com a demanda, que implica sempre no horizonte a demanda de morte. Tal relação com a demanda implica a necessária destruição do lugar onde toda demanda pode ser formulada, o

lugar do Outro. Trata-se de destruir o lugar em que se articula toda enunciação possível, mas ele, como sujeito, é um efeito desse lugar. Ao destruir a articulação significante, ele vai apagar o lugar no qual pode se sustentar como sujeito, daí o sentimento de despersonalização, de desarticulação da cadeia significante que, às vezes, o oprime. Já que ele não saberia manter-se como sujeito se o Outro fosse efetivamente anulado, o obsessivo é levado a exercer a ação contrária: proteger o Outro, preservá-lo. O trabalho intelectual e o exercício de bem dizer testemunham essa preservação da articulação significante.

No que concerne ao tema da blasfêmia e da injúria, Lacan expõe que se trata de fazer cair um significante eminente ao patamar de um objeto comum: Deus, o pai, o analista. Trata-se de colar-se a *Phi*, signo do desejo do Outro, insígnia do Outro, de depreciá-lo, de reduzi-lo ao nível de objeto de uso e de troca, de transformar a insígnia do Outro em dejetivo.

A obsessão dos ratos

Freud sublinha a função eminente da contingência no desencadeamento da neurose obsessiva.

A análise permite chegar à falta do pai, um pecado de juventude quando ele prestava serviço militar: ele era um jogador, um *Spielrat*. Ele perdera no jogo os fundos do seu regimento, e não pagara a um colega que lhe emprestara a soma que ele devia reembolsar. Ao tornar-se rico, o pai havia buscado em vão aquele que lhe emprestara essa soma, e não pudera saldar sua dívida.

O paciente substitui os dois jogadores pelo tenente A e pelo tenente B.

A contingência do desencadeamento da obsessão dos ratos reside nas palavras do capitão cruel, que fazem alusão à dívida de jogo não paga pelo pai, à falta do pai.

O significante *Rat* condensa em alemão numerosas significações.

Assim, em alemão, jogador é *Spielrat*. Há uma homofonia entre *Raten* (pagamento parcial, prestação) e *Ratten* (ratos), a partir da qual o paciente constituiu para si uma verdadeira divisa-ratos, um padrão monetário em ratos: ele mantém uma contabilidade em ratos.

A falta do pai se articula à questão de sua sexualidade. As consequências da sífilis evocam a ação do rato no suplício descrito pelo capitão cruel. Ernst pensa que seu pai era sifilítico.

A parte tomada pelo sujeito ao gozo do pai e à sua falta é nomeada através do rato. O pai era um homem sociável, agradável, mas colérico e muito severo com os filhos. Ele era também grosseiro e, nesse ponto, era desvalorizado pela mãe. Ernst, quando criança, era solidário às críticas da mãe ao marido.

A equivalência rato = dinheiro é reforçada pelo fato de que, quando garoto, Ernst tinha vermes intestinais. Por outro lado, o rabo do rato designa o *pênis* em alemão. O rato evoca a pornografia, a prostituição. Além disso, o rato morde, o que ele fazia também quando garoto.

Em função desses equívocos significantes, o rato acaba se tornando um nome do inominável do gozo sexual.

Convém lembrar também a morte de sua irmã mais velha, Helga, quando ele tinha três anos e meio. Freud nota no *Journal* que ele havia esquecido esse encontro precoce com a morte, em função de seus próprios complexos. Foi no corpo de sua irmã que ele observara, pela primeira vez, a diferença dos sexos.

Há então um nó entre a morte de Helga e o desejo de ver uma mulher sem defesa e inerte. A morte de Helga faz

surgir uma reprovação fundamental em relação ao pai, à qual se soma uma identificação à reprovação da mãe ao pai.

A falta do pai é ter casado com a mãe por seu dinheiro e a crítica se articula à morte de sua irmã mais velha: "É você que deveria ter morrido, e não Helga". A solução dada ao enigma da obsessão dos ratos faz com que ela desapareça. A decifração do sintoma acarreta o levantamento deste.

Teoria da obsessão

Freud estuda a formação do sintoma obsessivo. É preciso constatar a importância atribuída aos elementos pulsionais, dentre os quais a raiva infantil está em primeiro plano.

Uma doença do pensamento

Lacan dá uma definição do sintoma obsessivo: a obsessão é um pensamento, "um pensamento com o qual a alma se embaraça, não sabe o que fazer"¹⁰.

O neurótico obsessivo é um sujeito afetado por seu pensamento, que sofre de seus pensamentos. Na neurose obsessiva, contrariamente à histeria, o recalçamento não é ligado à amnésia e ao esquecimento, mas a uma disjunção da relação de causalidade que se produz em função de um deslocamento do afeto. O sintoma obsessivo é o resultado de deformações destinadas a mascarar o pensamento, que provêm da censura primária. O pensamento obsessivo torna-se alheio ao sujeito. A técnica mais frequente de deformação é a elipse: se eu caso com a dama// acontecerá uma desgraça a meu pai no além.

Trata-se de situar as cadeias elididas: se meu pai vivesse, ele ficaria furioso e me puniria novamente; eu teria raiva dele e, graças à onipotência de meu pensamento, ele morreria.

A estrutura lógica é a da implicação: causa-consequência, pois se trata de afastar o mais possível a consequência da causa pelas substituições e deslocamentos metonímicos, criando consequências cada vez mais absurdas. Se isso não funciona, o sujeito pode recorrer a fórmulas de defesas, tais como o *aber* do Homem dos ratos, pronunciado de tal forma que Freud observa que o **e** se torna sonoro, o que cria um equívoco com *Abwehr* (defesa).

Há ainda outra fórmula de proteção, destinada a defendê-lo do risco de molestar uma prima amada pelo ato de masturbação: *Glejisamen* (anagrama do nome de sua amada + *amen*), mas graças a esta fórmula, ele, ao mesmo tempo, se une a ela (*Samen* = semente, esperma).

Clínica diferencial neurose/psicose

O obsessivo está solidamente instalado no significante. Nunca se deve temer, nos diz Lacan, que uma neurose obsessiva possa deslizar para uma psicose¹¹. O sintoma obsessivo oferece de fato uma base muito sólida ao sujeito.

As fórmulas de anulação não devem ser confundidas com a forclusão. O obsessivo, por mais confuso e louco que possa parecer, não está fora do discurso. As fórmulas de defesa não são erráticas, ou seja, não provêm de um real sem lei. Elas estão ligadas ao fato de que "isso quer dizer alguma coisa", portanto não estão desarticuladas, mesmo quando parecem ser sem sentido.

A fórmula verbal, sob transferência, está submetida à articulação S_1-S_2 . O obsessivo em análise pode restabelecer o texto da fórmula absurda. As fórmulas se historicizam e são decifráveis a partir dos significantes da história do sujeito. O inconsciente no obsessivo é então um inconsciente transferencial, se levarmos em conta a distinção estabelecida por Jacques-Alain Miller¹². As

fórmulas são restos de *lalíngua* - que se serve da linguagem como sendo o escutado - ali onde a linguagem comporta um ordenamento.

O obsessivo se serve da *lalíngua* para introduzir uma desarrumação na linguagem. Como um menino de sete anos que apresentava uma perturbação importante da linguagem, já que não introduzia um corte entre os fonemas e as palavras. Era difícil compreendê-lo e ele foi tomado como louco. Certo dia, ele finalmente me disse que não devia haver um furo entre as palavras, porque senão as balas podiam entrar e se podia morrer...

Uma tentativa de redução do furo

O obsessivo se aplica a pensar a paternidade, a duração da vida, a morte, ou seja, o impensável, tal como Lacan o definiu em *O Seminário, livro 23: O sinthoma*: "A pulsão de morte é o real na medida em que ele só pode ser pensado como impossível. Quer dizer que, sempre que ele mostra a ponta do nariz, ele é impensável. Abordar esse impossível não poderia constituir uma esperança, posto que é impensável, é a morte - e o fato da morte não poder ser pensada é o fundamento do real"¹³. O obsessivo pretende dominar o real pelo pensamento, daí a sua impotência. Ele está submetido a uma fantasia segundo a qual, se conseguir pensar o impensável, ele poderia fugir dele, escapar dele.

Para o obsessivo, a morte é um dos nomes da castração. Ele sabe que ela é introduzida na linguagem pelo S_1 , que convoca outro significante, o S_2 . Desde que exista S_1 e depois S_2 há intervalo, hiância. Esse furo é apenas $S(\mathbf{A})$, a inconsistência do Outro, a impossibilidade de dizer o verdadeiro sobre o verdadeiro, com um efeito de perda de gozo enquanto a.

O obsessivo pretende reduzir o intervalo S_1-S_2 ao Um sozinho, reduzir o furo de $S(\mathbf{A})$ ao Um com a finalidade de

preencher o intervalo com fórmulas fora do sentido; assim, o Homem dos ratos conta no intervalo entre o raio e o trovão. Trata-se de defesas contra a inconsistência do Outro, contra o real como impossível. Questionar o Outro sem parar e fazê-lo repetir, para tentar apreender, no equívoco, o sentido do sentido... Isto é reduzir $S(\mathbf{A})$ ao Um.

Essa compulsão de tudo compreender, de buscar detrás do equívoco o sentido do sentido, o verdadeiro do verdadeiro, testemunha uma vontade de anular o x enigmático do desejo do Outro. Para fazer isso, o obsessivo dá antes o que não lhe é pedido. Através de respostas que antecipam qualquer demanda, ele opera o esmagamento do desejo do Outro, vivido como comando: ele acredita que deve se dedicar a satisfazer qualquer demanda e, para isso, sacrificar seu corpo e seu ser, daí sua oblatividade. Ele procede à anulação e à mortificação do desejo enquanto turbilhão que arrisca aspirá-lo. Ele luta sem cessar para escapar à aspiração no furo turbilhonante de $S(\mathbf{A})$.

Uma voz que ordena

Esse sintoma não é sem Outro. O obsessivo mantém uma relação permanente com o Outro do amor e do ideal, que se impõe a ele por meio de um comando, de um imperativo, de uma ordem: ele está submetido à ação de uma voz, mas não uma voz exterior. Não há, como na psicose, a autonomia da função do comando. É no sujeito que *isso* fala, com um efeito de divisão subjetiva, de dúvida.

O comando é velado: ele não aparece maciçamente, mas sob a forma de fragmentos. Ele é ligado à culpa, ao pudor, à vergonha, à reprovação que pode se transformar em angústia social. São afetos do sujeito dividido.

O medo permanente de um castigo social pode estar próximo de um delírio de observação, mas sem nenhum

elemento de certeza. Assim, o Homem dos ratos acreditou ter visto ratos duas vezes, mas para Freud é uma ilusão, não uma alucinação.

Como defesa, aparecem rituais, inclusive alcoolismo, para aliviar o pensamento. É preciso procurar sempre o pensamento recalçado que se relaciona à sexualidade infantil (o que nunca encontramos num sujeito esquizofrênico).

Gozar de um pensamento secretado pelo corpo

Todo pensamento obsessivo, que dá lugar a qualquer construção, tão louco quanto seja, estará sempre ligado à sexualidade. A neurose obsessiva comporta uma erotização do pensamento.

No obsessivo, a fórmula sempre implica uma equivalência que introduz um valor fálico. O falo imaginário é a verdadeira unidade de medida.

O obsessivo demonstra que o pensamento é um parasito, um revestimento, um câncer do qual o humano padece; a fala parasita o corpo sob a forma de pensamento, o pensamento afeta o corpo. É o que diz Lacan em *O seminário 17: o avesso da psicanálise*: "O pensamento não é uma categoria. Quase diria que é um afeto. Embora não fosse para dizer que é o mais fundamental, do ponto de vista do afeto"¹⁴.

Os pensamentos na neurose obsessiva são efeitos de afetos no corpo, ligados à captura do corpo no discurso. Os pensamentos que afetam o corpo fazem sofrer o obsessivo. Eles não estão fora do discurso, vêm condensar um sentido-gozado: o pensamento é erotizado, o obsessivo goza de seu pensamento na medida em que ele é secreção do corpo. É preciso então tratar o sintoma obsessivo como um acontecimento de corpo, o que implica tomá-lo em sua vertente significante e em sua vertente de gozo que se

satisfaz no pensamento obsessivo, o qual é chamado por Lacan de "a víscera causal"¹⁵.

É preciso operar cortes no texto do obsessivo, a fim de isolar, pelo equívoco, o uso de gozo condensado em seu sintoma. É assim que o obsessivo pode sair do *pathos* de seu pensamento e fazer de suas fórmulas um *Witz*. Ele pode chegar a decifrar o que seu pensamento articula de sentido-gozado e é possível ouvi-lo rir de seus pensamentos no fim de uma sessão, na qual o *pathos* foi suspenso.

O tratamento do sintoma obsessivo comporta uma dimensão ética ali onde uma terapia cognitivo-comportamental teria exercido sobre o Homem dos ratos uma vontade de gozo, realizando a fantasia do capitão cruel. Teria feito consistir o sintoma levando o sujeito a contar o número de vezes em que a obsessão se apresentava. E na triagem cognitiva, querendo corrigir as representações do sujeito, lhe teria sido explicado que o pai não podia sofrer o suplício porque estava morto, e que os ratos são apenas pequenos roedores que nunca vão ao paraíso!

Tradução: *Elisa Monteiro*

¹ Este artigo, "L'Homme aux rats", foi publicado originalmente em *La Cause freudienne - Nouvelle Revue de Psychanalyse* (67). Paris: Navarin Editeur, 2007, pp. 27-35.

² Freud, S. (1980[1909]). "Notas sobre um caso de neurose obsessiva". In *Edição standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. X. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 164.

³ Idem. (1956[1896]). "Rascunho K. As neuroses de defesa" - In *A correspondência completa de S. Freud para Wilhelm Fliess*. Rio de Janeiro: Imago Editora, pp. 163-170.

⁴ Idem. (1980[1909]). *Op. cit.*

⁵ Idem. (1956[1896]). *Op. cit.*

⁶ Idem. (1980[1896]). "Observações adicionais sobre as psiconeuroses de defesa". In *Edição standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. III. Rio de Janeiro: Imago Editora, pp. 149-173.

⁷ Lacan, J. (1988) "Conferência em Genebra sobre o sintoma". In *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise* (23). São Paulo: Edições Eolia, pp. 6-16.

⁸ Idem. (1976). "Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines". In *Scilicet* (6/7). Paris: Le Seuil, pp. 7-63.

⁹ Idem. (1999[1957-1958]). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 480.

¹⁰ Idem. (2003[1974]). "Televisão". In *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 511.

¹¹ Idem. (1999[1957-1958]). *Op. cit.*, p. 483.

¹² Miller, J.-A. (2006-2007). "Le tout dernier Lacan". Curso de Orientação Lacaniana, inédito.

¹³ Lacan, J. (2007[1975-1976]). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 121.

¹⁴ Idem. (1992[1969-1970]). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 143.

¹⁵ Idem. (2005[1962-1963]). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 238.